



## ORIENTE MÉDIO

# Indignação sem fronteira

Polícia de Paris expulsa dezenas de estudantes pró-Palestina da principal faculdade de ciências políticas da França. Canadá e Austrália também registram protestos. Hamas decide retomar negociações sobre trégua

» RODRIGO CRAVEIRO

Miguel Medina/AFP



Manifestante é escoltado por policiais franceses durante repressão a protesto na Sciences Po, em Paris: "Longa vida à luta do povo palestino!"

As manifestações pró-palestinos dentro de universidades cruzaram o Oceano Atlântico e chegaram à França, Austrália e Canadá. Ontem, a gendarmaria — força militar francesa encarregada de funções policiais — expulsou estudantes que faziam um protesto pacífico no hall de entrada do prédio da Sciences Po, a faculdade de Ciências Políticas de Paris. Depois de serem removidos, sob aplausos da população, os universitários se dirigiram até a Praça do Panteão, aos gritos de "Longa vida à luta do povo palestino!" e "Estamos aqui pela honra da Palestina e de todos os assassinados".

De acordo com o jornal *Le Monde*, a União de Estudantes Judeus da França organizou um protesto para contrapor aos atos contrários à guerra na Faixa de Gaza. Desde 17 de abril, atos semelhantes se espalharam por dezenas de instituições de ensino superior nos Estados Unidos. A repressão policial levou 2,3 mil pessoas à prisão. Na quinta-feira, forças de segurança desmantelaram um acampamento de manifestantes na Universidade da Califórnia (Ucla) e deteve 230 alunos e funcionários (**Leia Depoimento**).

"Somos jovens. Vemos as imagens de Gaza e dói nada poderemos fazer", disse ao jornal espanhol *El País* Wárda, estudante de 22 anos da Universidade de Sorbonne. Dez alunos da Sciences Po começaram uma greve de fome em solidariedade aos moradores da Faixa de Gaza. Apesar de menores em escala, em relação aos protestos nos Estados Unidos, as manifestações na França têm forte simbolismo e indicam o potencial de espalhamento do movimento.

No Canadá, estudantes montaram acampamento na Universidade McGill, em Montreal. Na quarta-feira, a direção do campus ordenou o desmantelamento das barracas. Até a manhã de ontem, os protestos continuavam, sem uma intervenção da polícia. A indignação com a guerra na Faixa de Gaza e com as mortes de dezenas de milhares de civis mobilizou grupos pró-palestinos na Universidade de Sydney, na Austrália.

Diretor do Programa de Estudos do Genocídio da

Universidade Yale (em New Haven, Connecticut), o norte-americano David Simon afirmou ao **Correio** que os protestos estudantis enviaram um sinal ao governo do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, de que o apoio global não é tão sólido como se imaginava nos dias que sucederam o massacre de 7 de outubro. Na ocasião, cerca de 2 mil extremistas do movimento fundamentalista islâmico Hamas invadiram o sul de Israel por terra, mar e ar, mataram mais de mil pessoas e sequestraram centenas. A retaliação israelense em Gaza deixou mais de 34,6 mil palestinos mortos, em sua maioria crianças e mulheres. "Os

desdobramentos no Tribunal Penal Internacional (TPI), mesmo que não passem de rumores, mudaram o rumo em termos de levar Israel a negociar", acrescentou Simon.

Karim Khan —procurador do TPI — advertiu que todas as tentativas de impedir as investigações de sua equipe sobre a ofensiva de Israel em Gaza e as tentativas de intimidação devem cessar imediatamente. Na semana passada, informações não oficiais divulgadas por sites de notícias indicavam que o TPI preparava mandados de prisão contra autoridades de Israel, incluindo Netanyahu. Além das manifestações em universidades no exterior, o premiê israelense enfrenta protestos dentro do próprio país para que o seu governo — uma

aliança de partidos judeus nacionalistas, de extrema direita e ultraortodoxos — negocie a libertação dos reféns do Hamas em troca da suspensão dos combates.

### Cessar-fogo

O Hamas enviará, hoje, uma delegação ao Cairo para retomar as negociações sobre o cessar-fogo na Faixa de Gaza, com um "espírito positivo". "A delegação do Hamas viajará para continuar as negociações. Ressaltamos o espírito positivo com que a liderança do Hamas tratou a proposta de cessar-fogo recebida recentemente e estamos indo ao Cairo com o mesmo espírito para chegar a um acordo", declarou o movimento, por meio de um

comunicado. O plano de trégua inclui o fim dos combates por 40 dias e a troca de reféns israelenses mantidos em Gaza desde 7 de outubro por palestinos presos em Israel.

Segundo o comunicado, o Hamas e as "forças de resistência palestinas" estão "determinados a chegarem a um acordo que atenda às demandas do povo para a completa cessação da agressão, a retirada das forças de ocupação, o retorno das pessoas deslocadas, a reconstrução de Gaza e um acordo sério de troca (de reféns por prisioneiros)". Mais cedo, uma autoridade do Hamas acusou Netanyahu de tentar obstruir as negociações, ao ameaçar uma invasão iminente a Rafah (sul). A Organização Mundial da Saúde (OMS) alertou sobre o risco de um banho de sangue na cidade.

### Depoimento

## "Enfrentamos agitadores sionistas"

"Esses protestos visam resistir à cumplicidade das instituições e do governo dos EUA no genocídio israelense contra os palestinos. O Acampamento de Solidariedade Palestina da Universidade da Califórnia (Ucla) apresentou as demandas para que a instituição ponha fim à repressão no campus, exija um cessar-fogo permanente e imediato e acate as diretrizes do boicote acadêmico a Israel. Tais demandas estão alinhadas ao movimento de Boicote, Desinvestimento e Sanções, uma ação não violenta para pressionar Israel a cumprir com o direito internacional.

O objetivo é parar o envio de armas e dinheiro a Israel, que têm sido usados no genocídio contra os palestinos, resultando em mais de 35 mil mortos; 1,9 milhão de



deslocados; 1,5 milhão sob risco de fome iminente; além de danos físicos e psicológicos incalculáveis. O Acampamento de Solidariedade Palestina enfrentou contramaneifestantes e agitadores. Não fosse por eles, e pela inação da universidade, o acampamento teria sido pacífico.

Os momentos mais tensos foram quando agitadores sionistas arremessaram projéteis e tentaram derrubar as barricadas, enquanto os estudantes se apegavam aos princípios de não violência. A polícia invadiu o acampamento, lançado incansavelmente granadas de efeito moral, disparando balas de borracha e atacando os estudantes."

**Benjamin Kersten**, estudante da Universidade da Califórnia (UCLA) e líder do movimento Voz Judia pela Paz

### Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

## Ultradireita no radar em Brasília

Dentro de um mês, eleitores dos 27 países-membros da União Europeia vão às urnas para renovar o parlamento do bloco, que tem plenários em Estrasburgo e em Bruxelas, sede da UE. Os eurodeputados, como são conhecidos, têm autoridade limitada nas ordenações que regem a comunidade — a principal instância é o Conselho Europeu, com a Comissão Europeia (CE) como braço executivo. Mas o recado das urnas tem ao menos dois níveis de interesse para o governo brasileiro.

Em primeiro lugar, a própria campanha, em especial na Alemanha e França, carros-chefes da UE, dará uma ideia da disposição para que sigam adiante as negociações comerciais com o Mercosul. Em alguns dos principais países do continente, as estradas foram tomadas por agricultores, nos últimos meses, para exigir políticas de proteção ao setor. Na mira, em particular, a abertura para a entrada de produtos sul-americanos, nos marcos do acordo de livre-comércio que chegou a ser assinado em 2019,

mas empacou no processo bilateral de revisão e ratificação pelas partes.

### Ecopragmático

Nesse terreno, somam-se as tendências abertamente protecionistas com o que se pode chamar de "ambientalismo pragmático". A imagem mais evidente dessa variante é o presidente da França. Antes da troca de afagos com Lula, na viagem recente à Amazônia, Emmanuel Macron trocou jabs com o colega brasileiro em eventos relacionados à transição energética global. Foi ele a voz mais eloquente em favor das mudanças introduzidas no texto do acordo comercial pelo lado europeu. Elas preveem sanções a produtos associados ao desmatamento, entre outras medidas.

Da parte de cá, o zelo de Macron e companhia com o meio ambiente é visto como um protecionismo envergonhado, contrabandeado em embalagem ecológica. Eleitoralmente, a tinteira verde costuma render votos no Velho Continente.

### Onda eurocética

Outra variável com potencial para dificultar o progresso do acordo UE-Mercosul é o crescimento contínuo e sustentado da nova ultradireita europeia. Ela se nutre do sentimento anti-imigração, mas igualmente da antipatia de fatias cada vez maiores da sociedade para com as normas e regulações do bloco — um alvo pintado como "a burocracia de Bruxelas". São os votos eurocéticos.

É um partido de extrema direita que chefia o atual governo da Itália, na figura da premiê Giorgia Meloni. Em março passado, a versão portuguesa do movimento, o Chega, emergiu como a terceira força do novo parlamento. Forças políticas afins ganham terreno na Alemanha, Espanha, Grécia, Holanda e até na Suécia. Na França, Marine Le Pen disputou o segundo turno com Macron por duas vezes, e, em 2022, sua votação foi recorde. Seu partido, hoje, é o principal da oposição, e desponta como

sério candidato a eleger o sucessor do presidente centrista, em 2027.

### Salada mista

As bancadas do Parlamento são eleitas em cada país e se organizam em blocos multinacionais por afinidades políticas. Os maiores são o dos populares, que agrupa a direita dita clássica, e o dos socialistas, que representa a tradicional social-democracia europeia. Ainda entre as forças históricas, em um patamar mais baixo, estão os centristas e a "esquerda verde", que agrega ex e neocomunistas e os ecologistas.

Correndo por fora, a ultradireita vai fincando suas estacas em um terreno no qual se instala com o propósito estratégico de minar a UE. A própria Marine Le Pen é sua figura mais destacada, e ela promete liderar uma campanha bem-sucedida na França. Lá, como nos demais países-membros, o voto nas eleições europeias não é obrigatório, e a abstenção elevada tende a potencializar os resultados de legendas que, em votações nacionais, têm menor incidência

### Casa vez aumenta mais

No cenário diplomático da vizinhança, o Itamaraty acompanha os desdobramentos da decisão da Colômbia de romper relações com Israel, em resposta ao prolongamento do ataque militar ao movimento palestino Hamas, na Faixa de Gaza. Desde outubro, quando uma incursão do Hamas custou a vida de cerca de 1.300 israelenses, o revide deixa um saldo de mais de 34 mil palestinos mortos.

O presidente Gustavo Petro, ex-guerrilheiro esquerdista, tinha retirado o embaixador colombiano de Tel Aviv nas primeiras semanas do conflito. Agora, se soma a Bolívia e Venezuela, que haviam já rompido relações. Como na antiga e famosa marchinha de carnaval, é um cordão que cada vez aumenta mais.

O Chile, que abriga uma das maiores colônias palestinas fora do Oriente Médio, retirou seu representante, assim como o Brasil. No caso, a decisão do Planalto e do Itamaraty foi um protesto contra o tratamento dispensado ao embaixador Frederico Meyer e declarações consideradas ofensivas ao presidente Lula.